

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA SARA CRISTINA DOS SANTOS
FREIRE (UFERSA) – MOSSORÓ – RN**

**INTERVIEW WITH THE TEACHER SARA CRISTINA DOS SANTOS FREIRE
(UFERSA) - MOSSORÓ – RN**

Gérison Kézio Fernandes Lopes¹

Universidade Federal do Maranhão



*(...) estudar LIBRAS é sempre uma realização pessoal,
que perpassa a profissão e o ato de ensinar.*

*Diria que é um ato de luta pela causa,
um dever nosso para ampliar as conquistas dos sujeitos
Surdos e ajuda-los nos desafios encontrados na jornada.*

Sara Freire

A professora Sara Cristina dos Santos Freire, possui Especialização em Educação e Contemporaneidade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/IFRN (2015). Graduação em Letras com licenciatura em Libras pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB (2014). Atualmente é professora de LIBRAS na Universidade Federal Rural do Semi-Árido /UFERSA. Área de pesquisa em aquisição de linguagem e aprendizagem com ênfase na Língua Brasileira de Sinais.

¹ Professor de LIBRAS da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacabal. Licenciado em Pedagogia (UVA), Bacharel em Letras Libras (UFSC/UFC), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE).

G.K: Quais as conquistas e desafios após o decreto nº 5626/2005 para a comunidade surda?

S.C: A comunidade surda, possui dados históricos marcados pela segregação social e familiar, desde a tensa passagem do Oralismo nas escolas até a não aceitação da Surdez pelos pais. Todos esses fatores, acentuaram as lutas por melhorias no modelo de Educação de Surdos, até então tido como uma ameaça aos surdos para sua integração com os ouvintes. O decreto desmitifica todas as inadequações que rotularam os Surdos de incapazes por muitos anos. Esse mesmo documento, trouxe além do reconhecimento da Língua de Sinais nas Instituições de Ensino, a oportunidade para inserir os sujeitos surdos no mercado de trabalho. Como desafios a serem enfrentados, destaco aqui a dificuldade de adaptação das repartições públicas em processos seletivos como o vestibular e o Enem, algo que tem sido alvo de muitas reivindicações por parte da comunidade surda. A grande barreira nesses processos tem sido a Língua Portuguesa, ainda que na modalidade escrita, mas que não traz a Língua de Sinais como meio materno de instrução. Até entendermos que os surdos necessitam do contato primário com sua língua, em qualquer dimensão educacional, enfrentaremos muitos obstáculos de aprendizagem concomitante das duas línguas em uso.

G.K: De que forma a LIBRAS contribui para a formação pessoal e profissional do surdo?

S.C: Nos últimos dez anos, pouco menos da oficialização da Lei 10.436/02, cresceu o número de surdos, professores em Escolas de Ensino Básico e em Universidades. O ensino de Libras aparece na vida profissional do Surdo como uma oportunidade das novas relações e o contato com outros espaços de trabalho, que não apenas no contexto de Educação.

A LIBRAS, veio para tirar o surdo dentro de suas casas, que por muito tempo não sabiam como conseguir emprego e que função ocupar no trabalho. Muitos deles, tem o ensino da língua de sinais como sustento para suas famílias, e que vai passando para as outras gerações. Além do ensino, a LIBRAS apresentou novas formas de preconizar o

seu uso, como o teatro, a poesia e a música, categorias extremamente importantes para alastrar as pesquisas na área de Literatura Surda.

G.K: Como a LIBRAS contribuiu e contribui para a sua formação pessoal e profissional?

S.C: Aprendi a LIBRAS dentro de casa com minha irmã, o primeiro sinal foi o da palavra “nome”. Passei meia hora, insistindo para que ela me ensinasse como se perguntava o nome para um surdo. Nesse contexto familiar, a minha inspiração pela profissionalização foi gratificante, pois comecei os estudos em cursos básicos e acompanhei minha irmã na escola, tornando-me logo depois voluntária da Associação de Surdos. Ela aprendeu rápido o português escrito, o que me fez ainda mais pesquisar sobre a língua de sinais em fase de aquisição.

Hoje, posso dizer que a LIBRAS me capacita todos os dias, porque todos os dias aprendo um sinal novo, seja em vídeos, redes sociais, documentários, vivência com a comunidade surda. Não é um trabalho de caridade, é uma função que exerço para atingir o máximo de conhecimento sobre a LIBRAS que infelizmente, algumas pessoas não sabem do se trata e por que aprendê-la.

G.K: Como a professora ver a educação de Surdos, no Brasil, nos próximos anos?

S.C: Costumo dizer que em 14 anos da criação legal da LIBRAS, ainda não encaixamos as peças que gostaríamos de organizar na Educação de Surdos para garantir que os Surdos tenham acesso a Língua de Sinais, como língua materna dentro e fora de sala de aula. Temos por exemplo, inúmeras escolas no Nordeste sem intérprete, o que dificulta a permanência dos alunos surdos e a evasão é um fator preocupante.

Para os próximos anos, o desafio a ser enfrentado é a implantação do Bilinguismo nas escolas de ensino infantil e fundamental. Vale ressaltar que o Bilinguismo, não é caracterizado pela presença do intérprete, somente. Mas sim, o acesso de todas as disciplinas em Língua de Sinais, por professores bilíngues. A comunidade surda, tem se organizado com passeatas, hastags em redes sociais em prol do ensino bilíngue, uma forma ainda mais favorável para aprender a língua desde cedo.

G.K: Quais os desafios para os TILS nos próximos anos?

S.C: O profissional intérprete apresenta-se na atualidade, como um dos profissionais mais requisitados para a educação inclusiva e/ou especial. Não era pra menos, após as Universidades públicas e privadas passarem a inserir obrigatoriamente a LIBRAS em seus currículos.

No entanto, receber um aluno surdo é fato inédito dentro da Universidade, assim como a presença do intérprete em sala de aula do Ensino Superior. Somado as adaptações que devem ser feitas pelas Universidades, os interpretes enfrentam diversas barreiras a vencer nesse novo modelo de atuação.

O contexto do Ensino Superior para os surdos é um entrave a ser vencido, pois o seu bom desenvolvimento depende da educação básica. É justamente nesse viés que os TILS tendem a se angustiarem com alunos surdos de pouco conhecimento da língua portuguesa e principalmente da língua de sinais. Os conteúdos apresentados em alguns cursos da área de humanas e exatas, por exemplo, exige que o aluno surdo possua um certo domínio da língua de sinais. O intérprete, muitas vezes, se vê em saia justa por não saber adequar a sua fluência com a do surdo que chega na Universidade sem domínio de sua língua materna. Um outro desafio é o trabalho junto aos professores, muitos deles, não respeitam a língua do surdo colocando-a como obstáculo de aprendizagem para a língua portuguesa. Em outros casos, o intérprete é responsabilizado pela aprendizagem do surdo, descaracterizando portanto, a real função do intérprete.

G.K: Quais as verdadeiras conquistas dos TILS com o Decreto nº 5626/2005 e a Lei 12.319/2010?

S.C: Os TILS tiveram seus direitos e deveres assegurados pelo decreto, permitindo que Instituições promovessem cursos de formação técnica e superior para a capacitação de novos profissionais. Com a chegada da Lei do Intérprete, muita coisa mudou a respeito do reconhecimento da profissão e quais espaços de atuação desse profissional.

Podemos citar os concursos públicos que oportunizam a função do intérprete como legítima, bem como os processos seletivos como os vestibulares. No que diz respeito ao acesso da língua de sinais, o intérprete se tornou cada vez mais visto em janelinhas de TV, vídeos de informações diversas, filmes, teatro e outros, que se fazem importantes para a sociedade conhecer quais papéis podem ser empenhados por esse profissional.

Diante de tantas conquistas, precisamos ainda mais divulgar o trabalho do TILS, levando informação e conhecimento a professores, gestores, profissionais de saúde e familiares de maneira a lutar juntos pela valorização desse profissional em qualquer seja o espaço de atuação.

G.K: Gostaríamos que a professora encaminhasse uma mensagem para os estudantes da Língua Brasileira de Sinais.

S.C: A primeira pergunta que faço aos estudantes ouvintes de LIBRAS é: por que escolheram a língua para estudo? Sabemos que temos a obrigação de aprender, pois somos residentes em um país com duas línguas oficiais.

Estudar Língua de Sinais, não é fácil. Não é só aprender o sinal de maçã, laranja e no dia seguinte achar que é o suficiente. Estudar a LIBRAS é conviver com os surdos, com a comunidade, conhecer a cultura, presenciar as dificuldades rotineiras que esses sujeitos enfrentam em luta pela aceitação da diferença.

Por fim, estudar LIBRAS é sempre uma realização pessoal, que perpassa a profissão e o ato de ensinar. Diria que é um ato de luta pela causa, um dever nosso para ampliar as conquistas dos sujeitos Surdos e ajuda-los nos desafios encontrados na jornada.